

## SUPRIMINDO O TEMPO

Cilaine Alves Cunha  
Professora de Teoria Literária na USP e autora de *O belo e o disforme, Álvares de Azevedo e a ironia romântica*,  
Edusp/Fapesp, 1998

O caráter multifacetário do romantismo produziu discussões e controvérsias múltiplas sobre a melhor maneira de compreender um movimento que escapa de qualquer tentativa de conformá-lo numa unidade preestabelecida. Pela teoria poética do romantismo, a ruptura com a imitação de modelos retóricos e com a unilateralidade do pensamento e, sobretudo, a valorização da sensibilidade e da imaginação, como faculdades equivalentes à razão na conquista do conhecimento, desembocam, via de regra, na incorporação da expressividade subjetiva e na interiorização da crítica, da negação e da contradição, o que desencadeou a formação de uma gama extensa de posições estéticas divergentes.

A despeito da coexistência de múltiplas posições divergentes no interior do romantismo, predomina, no Brasil, uma interpretação do romantismo como uma estética caracterizada por uma suposta unidade determinada pela melancolia, pela lamentação e pela adesão ao nacionalismo oficial.<sup>1</sup> Em geral, na crítica e nas histórias de literatura brasileira, Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e Bernardo Guimarães são abordados como figuras que pertencem a gerações distintas, delimitadas tendo em vista, em geral, uma divergente compreensão de romantismo e de história da literatura brasileira que norteia suas obras.

O fato de os byronianos terem desenvolvido poéticas irreverentes e irônicas, distinta do nacionalismo oficial, não fornece elementos suficientes para a separação desses autores em gerações

---

<sup>1</sup> Fruto de uma aliança entre profissionais liberais, proprietários de terra, letrados e membros da nobreza, o nacionalismo oficial eclodiu, na Europa, como meio de naturalizar e fundir o poder dinástico com a idéia de nação: “[...] o nacionalismo oficial desenvolveu-se “*depois dos e como reação* aos movimento nacionais populares que proliferam na Europa a partir da década de 1820. [...] Simplesmente havia algum tipo de escamoteação inventiva para permitir que o império parecesse atraente em roupagens nacionais”. ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, p. 97-98.

distintas, a menos que se considere o indianismo padrão universal de romantismo; tampouco a pequena diferença de idade entre Gonçalves Dias (1823) – quase a mesma que o separa de Gonçalves de Magalhães (1811) –, Bernardo Guimarães (1825) e Álvares de Azevedo (1831), insuficiente para compor gerações distintas, ainda mais se se tem mente que o período de dez anos é o que separa Goethe (1749) de Schiller (1759), tomados, ao contrário dos brasileiros, como representativos tanto do primeiro romantismo alemão como do classicismo.

Talvez as melhores propostas de compreender a posição divergente e, no mesmo passo, simultânea entre esses dois grupos tenham sido formuladas por Antonio Candido e Otávio Paz, para os quais o romantismo, ao tomar a negatividade como um de seus pressupostos mais inerente, funda a modernidade. No curso “Romantismo e modernidade”,<sup>2</sup> Antonio Candido estabelece um paralelo entre o romantismo e o princípio marxiano de que o capitalismo industrial se reproduz destruindo e renovando ininterruptamente seus produtos e suas forças produtivas. Para ele, o modo de reprodução do romantismo difere-se, em linhas gerais, do da literatura clássica pelo fato de esta estabelecer com a tradição uma relação pautada pelo sagrado, impondo, a novas tendências, a fidelidade aos modelos e a gêneros que ela consagrou. Ao se rebelar contra a autoridade da tradição e a regulação objetiva, propondo o cultivo da individualidade, a reação romântica desenvolveu-se e reproduziu-se, ao longo dos dois últimos séculos, como um processo de incessante ruptura, experimentação e transformação. Assim, numa palavra de Antonio Candido, se a literatura antiga pode ser concebida como uma estética da imobilidade, a moderna literatura romântica define-se como uma estética em movimento. Nessa mesma linha de raciocínio, Octávio Paz entende que a modernidade rompeu o vínculo que liga o

---

<sup>2</sup> Ministrado em Assis, no final dos anos de 1980, esse curso encontra-se gravado em fitas cassetes, tendo sido editado parcialmente no livro *Romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanistas, 2000.

presente ao passado, negando a continuidade entre uma e outra época, identificando-se com a mudança e absorvendo a razão crítica que, sem cessar, “se interroga, se examina e se destrói para renascer novamente”. Regidos pela alteridade, pela contradição e pela crítica em suas vertiginosas manifestações, romantismo e modernidade criam e destroem de tal forma sistemas poéticos e de explicação e organização do mundo que, paradoxalmente, destroem-se a si mesmos, numa ruptura contínua, num “incessante separar-se de si mesmos.”<sup>3</sup>

Considerando a contemporaneidade entre o grupo de escritores do romantismo brasileiro supracitado e principalmente seus esforços voltados para construir o nacionalismo literário e renovar as formas poéticas, o romantismo brasileiro eclode dividido entre duas posições teóricas divergentes: de um lado, encontra-se o nacionalismo oficial, representado por Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias, que acredita que a sociedade e o tempo são regidos por valores e princípios imutáveis; de outro lado, encontram-se Bernardo Guimarães e Álvares de Azevedo que constroem um nacionalismo crítico, já que retomam negativamente as posições estéticas dos indianistas, propondo outro tipo de nacionalismo literário.

Esses dois grupos distintos de escritores, os indianistas e os byronianos, conformam duas posturas literárias antagônicas a partir de certa altura das obras de Bernardo Guimarães e Álvares de Azevedo. No caso específico de Guimarães, a discordância com os princípios de definição da cor local restringe-se estritamente a suas poesias de juventude. Em conjunto, a reação dos byronianos dirige-se quer ao modo como os indianistas concebem a história do país e da literatura brasileira, quer à prática literária de Gonçalves Dias.

---

<sup>3</sup>PAZ, Octávio. *Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias estabelecem, de modo análogo, uma relação entre o passado, o presente e o futuro, por meio de uma eclética fusão entre a antiga concepção do tempo com a da moderna. Ao inventarem uma imagem do passado, não estabelecem, com este, uma relação empática. Ainda que tomem-no, à moda antiga, como um manancial que flui continuamente e desemboca no presente,<sup>4</sup> introduzem um corte nesse continuum, entendido nem heroica, nem positivamente, mas antes como uma mácula, representada pela política colonial, que deveria ser superada caso se quisesse alcançar o progresso. Preenchem o presente, por sua vez, com suas próprias intervenções na literatura, voltadas para recuperar o “germe” do Espírito nacional, supostamente abortado pelos portugueses. Ao lado delas, a política do governo imperial conformaria uma atualidade em que se deveria modelar, caso se quisesse alcançar o progresso. Nessa ótica, o Estado nacional torna-se uma instituição sagrada a quem cabe recuperar a situação da ordem.

Para o Magalhães de *Memória histórica e documentada sobre a revolução da província do Maranhão*, o representante máximo da harmonia social e política encarnava-se no então futuro duque de Caxias, única figura, segundo ele, capaz de conciliar ecleticamente as divergências da política regional contra a imposição da jurisdição nacional. Caxias seria um exemplo de administração “civil” que teria a oferecer “para o presente, uma lição infrutífera, escrita com caráter de sangue, e para o futuro, um documento dos nossos desregramentos e imoralidade”.<sup>5</sup>

Em “Ensaio sobre a história da literatura do Brasil”, a periodização dessa história obedece ao princípio segundo o qual a inteligência de um povo manifesta-se em tempos remotos de forma instintiva. Para Magalhães, o pendor natural dos “brasileiros” à atividade reflexiva teria sido abortada durante o

---

<sup>4</sup> PAZ, Octávio, op. cit., p. 17.

<sup>5</sup> MAGALHÃES, Domingos de. “Memória histórica e documentada da revolução da Província do Maranhão”. São Paulo: *Novos estudos*, Cebrap, n.º. 23 de março de 1989, p. 62.

primeiro século da invasão, já que os portugueses teriam obstruído e fechado todas “as portas, e estradas que á illustração o [o brasileiro] o conduzir podiam”.<sup>6</sup> A colônia surge aí tipificada como um antiparadigma do Espírito nacional. Naturalizando os ideais de construção da nacionalidade brasileira, Magalhães constrói uma linha evolutiva pela qual o nacionalismo literário ter-se-ia realizado paulatinamente, sem que inicialmente tivesse consciência de si na história, desenvolvendo-se instintivamente no século XVIII até florescer definitivamente durante sua época, quando a inteligência nacional teria começado a se “dilatar”.

Ainda que não seja possível equiparar, qualitativamente, a obra de Gonçalves Dias e Gonçalves de Magalhães, elas, em conjunto, representam, cada uma a seu modo próprio, um tipo de romantismo que nutre expectativas análogas quanto aos rumos do progresso e da civilização. No caso de Magalhães, o interesse por sua obra reside apenas no fato de ter reunido um conjunto de referências, dispersas no horizonte dos letrados da época, que orientou o programa da elite intelectual para constituir a nacionalidade na literatura e na cultura, sintetizando um feixe de propostas concretizadas com a prática poética do indianismo.

Nesse sentido, para o Gonçalves Dias de poemas como “História”, o “Poema americano” e o “Canto do piaga”, é a acumulação de atos virtuosos ou viciosos ao longo de sucessivas gerações que determinam o ethos nacional. “Retrato desbotado” do passado, a constituição primordial da sociedade pela prática do crime teria modelado todas as gerações, inexorável e renovadamente, determinando sua especificidade. Nesses poemas, o confronto entre o que a pregressa sociedade brasileira foi (a corrupção e a degradação dos costumes no mundo colonial) e o que poderia ter sido (a adesão espontânea do homem livre ao trabalho) teria feito disseminar o ódio e a vingança por longas gerações a

---

<sup>6</sup> Id. “Ensaio sobre a história da literatura brasileira”, em: *Niterói, revista brasiliense*, tomo I, versão fac-similada pela Biblioteca da Academia Paulista de Letras. Introd. Plínio Doyle, apres. Antônio Soares Amora, p. 139.

fio, o que teria desencadeado a “degenerescência” intelectual da sociedade brasileira. Já em “A tempestade” e o “Homem forte”, as revoluções que explodiram durante as Regências não passavam de exigências pontuais de mudanças que se inscreviam num tempo que, após a superação do caos pela restauração da ordem, continuaria a fluir harmônica e eternamente:

Virás, sol da justiça, em fins do mundo  
Acalmar a procela, e quando aos mortos  
Disseres tu quem és, – lembrar-nos-emos,  
Senhor, do que já fomos.  
[...]  
Feliz então quem tua lei guardando,  
Seus passos graduou nos teus caminhos;  
Quem dia e noite revolveu contigo  
Como aplacar-te.<sup>7</sup>

Em contraposição ao mundo colonial, Gonçalves Dias encarna um passado mítico na cultura indígena, não como uma essência irrecuperavelmente perdida, mas como modelo de uma comunidade ideal, regida por relações fixas e cristalizadas, imutáveis. Para ele, essa cultura, que poderia reelaborar e recriar de acordo com valores próprios da ideologia de construção da nação, deveria modelar este projeto caso se quisesse garantir um futuro na civilização. No plano moral, a garantia desse futuro e a recuperação do passado harmônico no presente exigiriam, de acordo com sua série de poemas intitulada “Visões”, o fim da prática do arbítrio, do adultério e da ambição, em suma, do patriarcalismo, que deveria se submeter às leis criadas pela jurisdição nacional.

Nesse sentido, coube-lhe uma reforma literária mais predominantemente temática do que técnica, voltada mais diretamente para as circunstâncias históricas daquele momento. Nesse tipo de romantismo, a eleição da figura do índio como primeiro poeta nacional, a invenção de uma tradição, localizada

---

<sup>7</sup>DIAS, Gonçalves. “A tempestade”, em: *Obras poéticas de Gonçalves Dias*, org. Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional, 1944, v. II, p. 321-322.

retroativa e anacronicamente num período anterior à conquista, mas que evidenciasse a “marcha evolutiva” da raça brasileira, a descrição da paisagem nacional, em tom eloqüente e entusiasmado, e a preservação do catolicismo e da moral em poesia são tópicos reiteradas tanto nos artigos de Magalhães, como na prática poética de Gonçalves Dias, conformando um projeto comum de construção do nacionalismo literário. Resumindo um projeto de unificação da literatura brasileira, esses itens não se impuseram sem a paradoxal exclusão da particularidade de cada região, indo ao encontro do projeto da política imperial, no momento em que lutava para impor a unificação territorial e a centralização do governo nacional. Nesse projeto, cada um desses itens possui uma função específica, seja para a tentativa de unificar a literatura brasileira, seja para a de criar o sentimento de pertencimento à nação e mesmo para “naturalizar” o império, associando-o à idéia de nação.<sup>8</sup>

Numa posição destoante do romantismo indianista, a boemia literária do Largo de São Francisco observa o andamento do mundo sob uma lente negativista, crendo que o desenvolvimento dos meios de produção não proporciona uma existência mais igualitária, mas que se desenvolve num fluxo que “acumula ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés”.<sup>9</sup> Para Azevedo, o terror na Revolução Francesa, a traição aos ideais revolucionários e, no Brasil, a recusa do governo imperial em garantir os direitos humanos e em oferecer educação popular teria contribuído para disseminar na cultura o ceticismo e decretar o fim das utopias.<sup>10</sup> Diante disso, a literatura deve expressar, para esses poetas, a descrença na idéia de que a razão e a ciência poderiam garantir uma sociedade harmônica e o

---

<sup>8</sup> Para uma compreensão da função da cultura indígena e da paisagem local no interior do nacionalismo oficial, cf. CANDIDO, Antonio. *O romantismo no Brasil*, op. cit., p. 89-90.

<sup>9</sup> BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito da história”, em: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 224.

<sup>10</sup> Cf. AZEVEDO, Álvares de. “Discurso pronunciado na sessão de instalação da Sociedade Acadêmica – Ensaio Filosófico a 9 de maio de 1950”, em: *Obras completas de Álvares de Azevedo*, org. Homero Pires. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional, 1942, v. 2, p. 420.

sentimento de que esta se degrada. O nacionalismo de Álvares de Azevedo e da obra inicial de Bernardo Guimarães concebem a história não como uma repetição do passado no presente, mas como um processo de acelerada marcha rumo ao caos. Rompendo com a periodização das fases da literatura brasileira, delimitada pelos indianistas, não negam a influência do meio, do clima e da raça sobre a constituição do Espírito de um povo. Mas, em “Literatura e civilização em Portugal”, Azevedo reage contra a exclusão da tradição literária portuguesa sobre a brasileira, alegando que tal ruptura significava abrir mão de um mosaico rico em recursos e obras que empobreceria a literatura brasileira. Num tom de aconselhamento cauteloso, solicita divertidamente aos letrados não anteciparem as eras e não decretarem o encerramento da vigência da tradição portuguesa antes que isso já estivesse concretizado:

A noite portuguesa, como as de verão, talvez não seja longa. Façam-na um serão de luar os trovadores de Coimbra – sim – Mas o que não podem fazer é adiantar o dia.<sup>11</sup>

Nessa compreensão que toma a literatura brasileira como galho da européia, destaca-se, antes, não apenas a influência da raça, do clima e da paisagem, mas uma multiplicidade de fatores que determinam a unidade de uma cultura, de tal modo inúmeros que acabam por dissolver tal tese:

Quisemos tresmalhar uma olhadazinha sobre o espírito de nossas letras pátrias [as de Portugal] tão aluziadas dos clarões dos céus espanhóis, [...] essas sementeiras de poesia para a qual concorrem: quatro vezes o Oriente e a África, nas navegações fenícias e colônias cartaginenses, na invasão mourisca de 712, e no roçar da civilização peregrinante da raça hebraica; duas vezes a grega, no comércio da Magna Grécia das costas da Sicília e na conquista romana (civilização mais rude e bélica, é fato, mas sempre doirada das luzes de Atenas); e até a barbárie das raças das hordas da *grande invasão* que assinala o anoitecer da antigüidade e a madrugada nevoenta da Idade Média.<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup>Id., “Literatura e civilização em Portugal”, em: *Obras completas de Álvares de Azevedo*, op. cit., p. 210.

<sup>12</sup>Id., *ibid.*, p. 334-335.



Refutando a autonomia da literatura produzida naquele momento, Azevedo e Guimarães centram suas expectativas na tentativa de construir a diversidade das poéticas individuais, diversidade essa que deveria ser conquistada por meio da crítica ao pressuposto de unificação da literatura em seus pontos básicos: a retomada da cultura indígena, a perspectiva neoclássica e edificante da arte e a adesão ao progresso. Em Bernardo Guimarães, a preservação da diversidade em literatura deveria considerar tanto as tradições européias, como as culturas regionais do país, “das raças que predominam no sul, no centro e no norte, e a diferença de suas ocupações, sendo uns pastores, outros agrícolas, outros mineiros”.<sup>13</sup> Já em Álvares de Azevedo, a individualidade autoral e a nacional deveriam ser alcançadas também por meio da revisão da tradição européia, não como cópia direta, mas pela recriação, pela imaginação artística, de seus quadros mais marcantes.

Diante disso, esses autores formulam uma poética do prosaísmo, descendo sua criação da altura de reinos transcendentais em direção ao mundo sensível. Delimitam, com isso, um paradigma literário que tem na sátira, como instrumento da crítica, a forma privilegiada, recusando-se ainda a recriar o tempo num passado mítico para transmitir valores eternos e princípios imutáveis, centrando com isso a representação no tempo presente. Além disso, se, para eles, o mundo se degrada, a arte deve ser fiel a seu tempo e absorver quadros imorais, conforme se verifica ao longo de segunda parte da *Lira dos Vinte Anos*, em *Macário* e *Noite na Taverna* e nos bestialógicos de Bernardo Guimarães. Dessa perspectiva, a absorção da imoralidade em arte não deve ser gratuita, mas estilizada, à maneira de Schiller, de acordo com a idéia de que a sociedade cria obstáculos à Arte, e a realidade ao Ideal,<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> GUIMARÃES, Bernardo. “Reflexões sobre a poesia brasileira”, em: GARMES, Helder. *Os ensaios literários (1847-1850) e o periodismo acadêmico em São Paulo*. Dissertação de Mestrado apresentada junto ao Departamento de Teoria Literária da Unicamp.

<sup>14</sup>SCHILLER. *Poesia ingênua e sentimental*, trad. Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1997, p. 64.

confronto esse propício para expressar, de modo sublime e patético, a mercantilização da arte e da cultura.

O grupo de Álvares de Azevedo dedica-se a instituir um tipo de romantismo mais fiel à teoria crítica desenvolvida na Europa, procurando adequar a inovação temática à revolução dos gêneros e dos recursos poéticos, valorizando o sentimento menos como expressão da coletividade que da subjetividade. A noção de tempo que norteia suas obras estabelece uma ruptura com o passado, tomado como uma época idílica, inexoravelmente perdida. Criticando o passado construído pela tradição indianista, esses poetas, ao fazerem a crítica do passado e proporem a revisão da tradição, caracterizaram a sua época como um tempo condenado à pluralidade. A apologia do pensamento heterogêneo e a negação da possibilidade de se continuar pensando o conhecimento como uma atividade regida por verdades únicas são as principais idéias que atravessam tanto a obra de juventude de Bernardo Guimarães como a de Álvares de Azevedo. Ao defenderem uma arte que absorva a contradição, a pluralidade, a heterogeneidade e a diversidade, esses poetas introduzem a moderna estética da negação, tal como a define Octávio Paz: “Nem o moderno é continuidade do passado no presente, nem o hoje é filho do ontem: são sua ruptura, sua negação. O moderno é auto-suficiente: cada vez que aparece, funda a sua própria tradição”.<sup>15</sup>

Tomando o passado como um tempo irrecuperavelmente perdido, e o presente como o momento do caos, Álvares de Azevedo e Bernardo Guimarães ressaltam a impossibilidade de se manter a visão de que a sociedade seria regida por valores fixos, incorporando esse tipo de pensamento num discurso irônico, crítico, satírico e muitas vezes cínico. Com isso, negam o progresso e a civilização e tomam o presente como um tempo responsável pela perda de um tempo de ouro sagrado. Incorporam, por isso,

---

<sup>15</sup> PAZ, Octávio, op. cit., p. 18.

a contradição como forma de expressar tanto a heterogeneidade do pensamento quanto a complexidade e a diversidade de seu tempo. Evidenciando o fascínio que experimentaram pela crítica e pela revisão da tradição, propõem rescrever a tradição européia por meio do exercício crítico e da negatividade.

Se for possível, assim, compreender esses dois grupos de escritores do romantismo brasileiro, não como gerações distintas, mas como posições estéticas divergentes, resta que o romantismo no Brasil, como em todo o mundo, já nasce dividido. Reproduzindo a complexidade contraditória do moderno sistema capitalista de produção de mercadorias, que se expande destruindo antigos e sólidos valores e costumes, impondo outros novos, o romantismo brasileiro das décadas de 1840-50 não conforma uma unidade significativa, nem se reduz a um único traço, nem só à melancolia e ao sentimentalismo, mas também à ironia e ao cultivo da contradição.